

● ENTREVISTA

Memórias

de um homem que não parou

Agostinho Medeiros, escritor

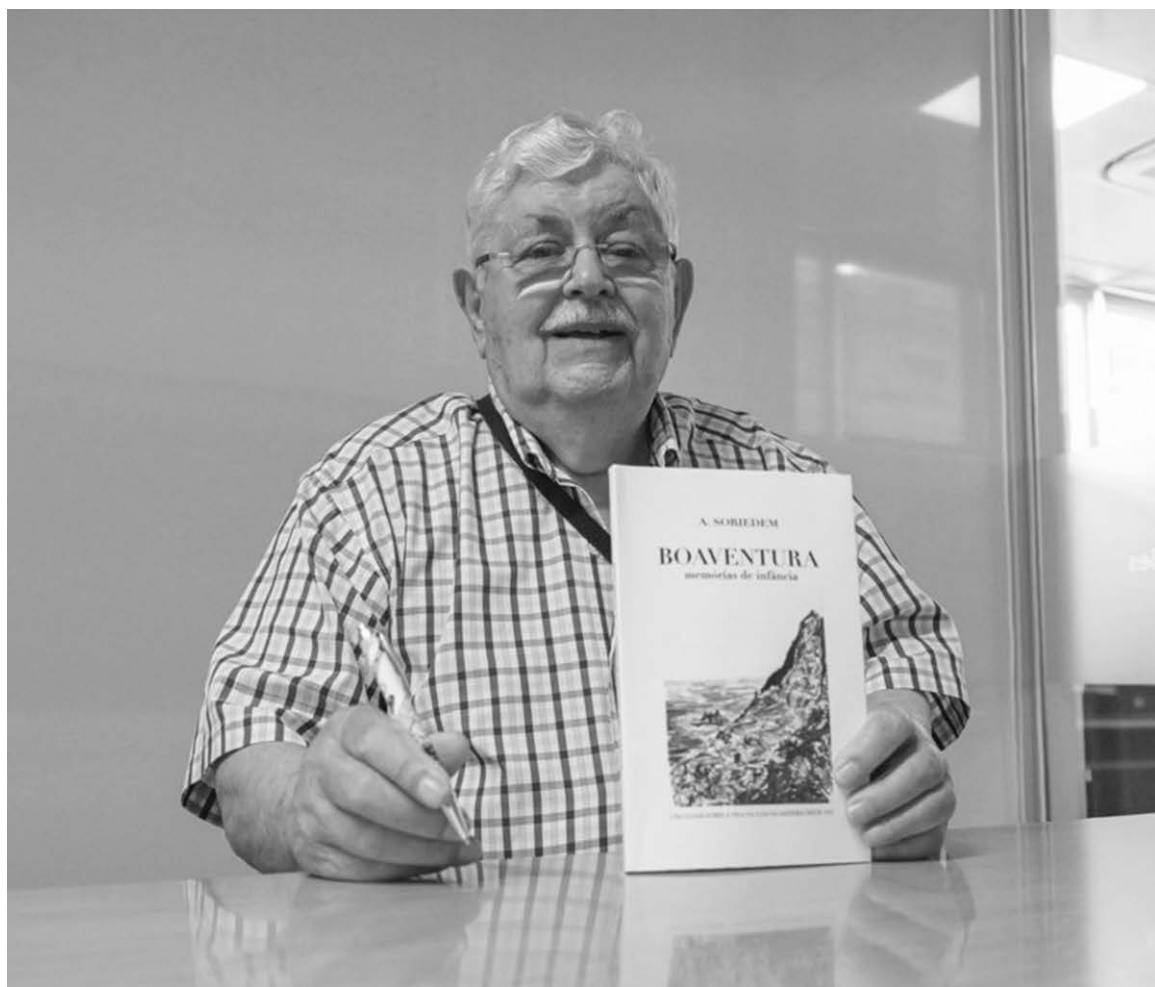
CAROLINA RODRIGUES
crodrigues@dnoticias.pt

Aos 93 anos, Agostinho Andrade traz a público o livro 'Boaventura, memórias de infância'. A obra será apresentada amanhã, às 11 horas, na Biblioteca Municipal de São Vicente, e reúne histórias e tradições de uma vida cheia de memórias, partilhadas agora para que não se percam no tempo. O autor recorda momentos marcantes da sua infância e juventude, desde o acidente que quase lhe tirou a mão aos quatro anos, até às vivências na serra, nas missas de domingo e nas tarefas do campo. Revela ainda uma vida multifacetada (carpinteiro, frade, enfermeiro, comerciante, emigrante no Brasil e em Angola), sempre marcada pela luta, pela coragem e pela vontade de deixar às novas gerações o testemunho de um tempo em que a vida era dura, mas plena de valores e ensinamentos.

Como surgiu a ideia de criar este livro? A ideia de criar o livro foi dos meus filhos, porque foram eles que investiram nisso. Eu escrevi os versos, escrevi as histórias, e eles é que tiveram a iniciativa de querer transformá-las num livro. Mas valeu a pena, porque são histórias muito antigas, que já não se vivem hoje em dia, e ninguém mais as conhece. Fazem parte das tradições.

E como foi fazer este projecto com os seus filhos? Foi muito bom. No início, eu nem pensava em transmitir-las a ninguém. Mas quando eles descobriram os cadernos, surgiu a ideia do livro. Os meus filhos ensinaram-me a trabalhar no computador e assim comecei a passar tudo para lá. Depois, como já estava escrito, decidiram publicar.

Qual a memória de infância que mais o marcou? A primeira de todas, que foi nos meus quatro anos. Tive um acidente, caiu-me uma pedra na cabeça, abriu um buraco e cortou-me três dedos. Na altura, eu estava a ajudar o meu pai, que era pedreiro e estava a construir um forno. Com quatro anos já lhe levava pedrinhas. Uma das pedras desprendeu-se, caiu-me na cabeça e na mão. Queriam levar-me ao Fun-



Apesar de já não viver na Madeira, guarda as recordações da sua ilha com muito carinho e nostalgia. FOTO RUI SILVA/ASPRESS

chal para amputar, mas um médico de São Vicente conseguiu suturar e salvar a mão.

E do tempo em que era jovem, na Boaventura, quais são as lembranças que tem e que já não existem? Tanta coisa. Lembro-me que íamos à serra buscar lenha e que o caminho hoje em dia já desapareceu no meio dos arbustos. Recordo-me de lá fazer pregações, a brincar, e por vezes demorava tanto que os nossos pais tinham de vir com lanternas ajudar-nos a descer. Esses tempos já não voltam.

Para alguém que não conheceu a Boaventura da sua época, como a descreve? Era uma vida era dura, de muito trabalho. Tratava das vacas, tirava o leite, levava à escola, que ficava junto à igreja, também a uma

“OS JOVENS QUE TENHAM ALMA E CORAÇÃO, PORQUE NADA SE FAZ SEM LUTA E VONTADE”

hora de caminho. Às vezes fazia asneiras: uma vez dei abóboras às vacas em vez de erva. O meu pai deu-me uma surra. Outra vez arranquei couves para lhes dar, e levei outra surra. E até cheguei a dar-lhes alho bravo, que deixou o leite com cheiro a alho. O meu tio recusou o leite, e o meu pai voltou a castigar-me.

Depois ao domingo era dia de ir à missa. Toda a gente era católica. Íamos a pé, demorava uma hora até à igreja. Hoje, de carro, são cinco minutos. E sabe uma coisa, só depois da missa é que almoçávamos, porque íamos em jejum.

Teve uma dia recheada de experiências, foi carpinteiro, frade, enfermeiro, comerciante... É verdade. Primeiro fui carpinteiro. Depois entrei para frade no continente, fiz votos sim-

“ORGULHO-ME DE TER LUTADO, NUNCA TER FICADO PARADO E TER DEIXADO UMA HISTÓRIA ESCRITA

plares, mas discuti com o vice-superior sobre a pobreza e não renovei os votos. Mais tarde apresentei-me à tropa, trabalhei como enfermeiro, embarquei na pesca do bacalhau no Polo Norte, vivi em Montreal e trabalhei em vários ofícios. Depois também estive em Angola, primeiro a tomar conta de um comércio, depois como enfermeiro. Aos 30 anos fui para o Brasil, onde trabalhei em hospitais e depois montei um boteco. Cresceu tanto que virou um mercadinho, o Mercadinho de Santo Agostinho. Lá casei, construí casas, prédios, uma farmácia, e depois regressei a Portugal.

Ao longo de todo este tempo o de que é que sente mais orgulho? De ter lutado sempre, de nunca ter ficado parado e de ter deixado uma história escrita, para que os meus filhos e netos saibam como era a vida antes.

Como vê a Madeira de hoje? A Madeira está fantástica. Evoluiu muito, com os túneis e as novas estradas. Antigamente demorávamos duas horas de carro da Boaventura ao Funchal, agora em meia hora se faz. O Alberto João Jardim transformou a ilha. Para mim ficou na memória como um verdadeiro deus na ilha.

Que mensagem deixa aos jovens madeirenses? A mensagem que eu daria é: alma e coração. Porque nada se faz sem vontade. Se a pessoa tem vontade de progredir, luta para isso. Se não lutar... é um soldado perdido.